

LEITURAS DE ÉMILE BENVENISTE

Organizadores:
Heloisa Monteiro Rosário
Sara Luiza Hoff
Valdir do Nascimento Flores

2022

1ª edição

Porto Alegre

editora
ZO
UK

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP
Daniela Mussi – UFRJ
Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM
Joanna Burigo – Emancipa mulher
Leonardo Antunes – UFRGS
Lucia Tennina – UBA
Luis Augusto Campos – UERJ
Luis Felipe Miguel – UnB
Maria Amelia Bulhões – UFRGS
Regina Dalcastagnè – UnB
Regina Zilberman – UFRGS
Renato Ortiz – Unicamp
Ricardo Timm de Souza – PUCRS
Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS
Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK
Susana Rangel – UFRGS
Winnie Bueno – Winnieteca

2022 © Heloisa Monteiro Rosário; Sara Luiza Hoff e Valdir do
Nascimento Flores

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Capa: Heloisa Monteiro Rosário

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

L533

Leituras de Émile Benveniste [recurso eletrônico] : estudos sobre literatura brasileira moderna / organizado por Heloisa Monteiro Rosário, Sara Luiza Hoff, Valdir do Nascimento Flores. - Porto Alegre : Zouk, 2022. 212 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-096-1 (Ebook)

1. Linguística. I. Rosário, Heloisa Monteiro. II. Hoff, Sara Luiza. III. Flores, Valdir do Nascimento. IV. Título.

2023-132

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

IV - A *escuta* em uma abordagem enunciativa da aquisição da língua materna

Carmem Luci da Costa Silva (UFRGS/CNPq)
clcostasilva@hotmail.com

1. Pontuações iniciais

Neste texto, tenho como objetivo abordar *o papel da escuta na aquisição da língua materna em uma abordagem enunciativa, por meio da exploração de movimentos de escuta-emissão nas interlocuções de uma criança, em seu primeiro ano, com outros de seu convívio*. Para tanto, o trabalho apresenta a seguinte estrutura: 1) a incursão pela noção de “escuta” de Barthes; 2) o estabelecimento de releitura das obras *Problemas de linguística geral I e II* (doravante, *PLG I e PLG II*), no entrecruzamento entre Benveniste e Barthes, para constituir um ponto de vista teórico sobre a “escuta”; 3) reflexão sobre a escuta dos fatos linguísticos de uma criança com seus interlocutores a partir de pontos de ancoragem teórica.

2. De Barthes ao renovado diálogo com Émile Benveniste sobre a “escuta”

As discussões de Barthes sobre “escuta” trouxeram à minha reflexão sobre a *instauração* da criança na língua materna (SILVA, 2009) algumas inquietações: a afirmação de que a “escuta fala”; a ideia de que a “escuta” está para além do ouvir, enquanto aspecto fisiológico de um aparelho auditivo; os apontamentos sobre as diferenças entre o animal e o humano, pensadas a partir da audição; o fato de haver aspectos biológicos e simbólicos implicados no “escutar”; a escuta como relação dual entre parceiros na linguagem e o prazer implicado na escuta.

Essas questões comparecem em Barthes vinculadas a três tipos de escutas: a primeira é uma escuta ligada ao ouvir ruídos e à transformação desses ruídos em indícios. Ocorre, nesse caso, uma espécie de triagem sobre um fundo auditivo, em que a escuta figura como exercício de uma função de seleção.

Além dessa escuta, Barthes reflete sobre um segundo tipo, relacionado ao que distingue o humano do animal. Essa segunda escuta envolve, de um

lado, o encontro dual entre humanos e, de outro, a distinção de ruídos significativos no ritmo a partir de relações entre o acentuado e o não acentuado. Nesse caso, o signo funda-se, no humano, a partir dessa relação de presença/ausência: “esta segunda escuta metamorfeia o homem em sujeito dual: a inter-pelação conduz a uma interlocução, na qual o silêncio do que escuta será tão activo como a palavra do locutor: **a escuta fala**” (BARTHES, 1984 [1976], p. 2, grifos nossos).

Já a terceira escuta liga-se ao desejo de agarrar significantes, na busca de prazer do que escutar. A escuta é, por parte da criança, então, um “[...] jogo de agarra dos significantes pelo qual *o infans* se torna ser falante” (BARTHES, 1984 [1976], p. 3, grifo do autor). A partir dessa terceira escuta, o autor defende que a liberdade de escuta é tão necessária como a liberdade da palavra, visto o sujeito não ser obrigado a ir, “[...] a tomar como prazer lá onde não quer ir” (BARTHES, 1984 [1976], p. 5).

A leitura do texto de Barthes “A escuta” encaminhou-me a reler Benveniste para buscar “indícios” de termos e noções ligados ao papel do ouvinte em sua reflexão. A partir desses indícios, no entrecruzamento entre Barthes e Benveniste, pergunto: como abordar “a escuta” na teoria da linguagem do linguista? Há um lugar para o ouvinte em sua reflexão? A seguir, apresento algumas passagens dos *PLG I e II* a fim de recuperar termos importantes para a construção de respostas aos questionamentos formulados a partir de Benveniste.

Em “Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, Benveniste aborda a linguagem, de um lado, como um fato físico, que “utiliza o aparelho vocal para produzir-se, [o] **aparelho auditivo** para ser percebida”, e, de outro lado, como “uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou a experiência pela sua ‘evocação’” (BENVENISTE, 1995, p. 30, grifos nossos). Como fato físico, de ordem biológica, a linguagem vale-se de um aparelho vocal e de um aparelho auditivo. Como estrutura imaterial, de ordem simbólica, a linguagem “evoca” significados. Ora, se há uma evocação de significados por quem emite (relacionada ao aparelho vocal), há algo de captação de significados por quem escuta (atrelada ao aparelho auditivo).

O linguista, ainda, afirma que a “situação inerente ao **exercício da linguagem**, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para **o locutor**, representa a realidade; para **o ouvinte**, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da **comunicação intersubjetiva**” (BENVENISTE, 1995, p. 26, grifos nossos). Nessa passagem, Benveniste considera a situação de exercício da linguagem como lugar da troca entre locutor

e ouvinte e, conseqüentemente, situa a comunicação intersubjetiva, bastante tratada em distintos textos, como vinculada à relação entre quem emite um ato de discurso e quem o ouve. Na continuidade desse artigo, o autor volta a tratar dos “ruídozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos” (BENVENISTE, 1995, p. 31), ao refletir sobre o poder fundador da linguagem.

Quando Benveniste focaliza o aprender da língua pela criança, em “Os níveis da análise linguística”, liga esse processo ao exercício do discurso nas atividades de linguagem da criança (locutor) em todas as situações. A apreensão do signo, com sua rede intralinguística de oposições e integrações em unidades superiores, envolve a familiaridade com unidades que se apresentam na frase e no exercício de discurso.

Esse é um princípio de análise linguística com o qual a criança opera em seu ato de instauração na língua materna. Assim, ainda que, numa relação muito inicial da criança com a língua, esta lhe falte como sistema organizado, essa língua não é de todo ausente, pois está no exercício do discurso da criança com outros. Isso porque “qualquer pessoa pode fabricar uma língua, mas ela não existe, no sentido mais literal, desde que não haja dois indivíduos que possam manejá-la como nativos” (BENVENISTE, 1989, p. 20). Como a criança está no exercício do discurso desde a sua entrada no mundo, produzindo e “escutando” sons, o sistema de sua língua, nos termos de Benveniste (1995, p. 140), “se forma e se configura” nesse exercício.

O estar na língua da criança com o outro, em seu duplo modo de existência (sistêmico e discursivo), encontra, no jogo entre emissões-escutas de si mesma e emissões-escutas do outro, aspectos necessários para se fundar em uma língua. Se é “no exercício incessante da sua atividade na linguagem em todas as situações” (BENVENISTE, 1995, p. 140) que a criança vai apreendendo os “contrastes” e destacando uma noção empírica de signo em uma crescente familiaridade com o sistema, considero ser, no jogo entre emissões-escutas de si mesma e do outro, que a criança encontra a condição de sua instauração na língua materna.

No artigo “A forma e o sentido na linguagem”, o linguista insiste em uma característica de toda “língua real”: “[...] o caráter de se realizar por meios vocais, de consistir praticamente num conjunto de **sons emitidos e percebidos**, que se organizam em palavras dotadas de sentidos” (BENVENISTE, 1989, p. 224, grifos nossos). A organização das “palavras como dotadas de sentido”, no aspecto vocal, relaciona-se à emissão e à percepção de sons. Ao abordar o semiótico (domínio do signo), o autor defende a ideia de identificação “no interior e no uso da língua” (BENVENISTE, 1989, p. 227). Se o sistema, o semiótico,

implica distintividades e oposições para “ser significativo”, a identificação dessas oposições envolve o “humano na língua” em sua dupla presença, de quem emite sons e de quem os percebe.

Se o semiótico supõe a identificação da unidade como pertencente a um sistema de diferenças que se apresentam no uso (no exercício do discurso), o semântico (domínio da língua em emprego) envolve a compreensão do sentido de formas agenciadas, seja pela ideia da frase, seja pelo emprego da palavra na frase. Novamente, então, ao tratar do semântico, Benveniste aborda outra operação: a compreensão. Quem compreende? Parece-me que sua reflexão novamente coloca em destaque o ouvinte. É na relação entre quem emite e quem escuta, relação mediada por discursos, que Benveniste pensa a organização humana na sociedade, visto que a língua exerce essa “função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, [...] transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, suscitando a resposta, implorando, constringendo; em resumo, organizando toda a vida dos homens” (BENVENISTE, 1989, p. 229). Ora, para transmitir a informação, comunicar a experiência, impor adesão e suscitar a resposta, há uma ação, por meio da língua, sobre um outro: há, pois, um ouvinte que ouve a informação, tem acesso à experiência comunicada; portanto, escuta e responde ao que lhe é suscitado.

Também em “O aparelho formal da enunciação”, o termo “ouvinte” e expressões como “sons percebidos” comparecem de modo saliente: “Os **sons emitidos e percebidos**, quer sejam estudados no quadro de um idioma particular ou nas suas manifestações gerais, como processo de aquisição, de difusão, de alteração [...] procedem sempre de atos individuais” (BENVENISTE, 1989, p. 82, grifos nossos). Pensar os sons como ligados a atos individuais é pensar sons emitidos e percebidos, questão que leva Benveniste a tratar da língua no ato de utilização, ou seja, na enunciação. Quando aborda a enunciação falada, o linguista recorre novamente à relação locutor-ouvinte:

Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 83-84).

Na sequência, Benveniste reitera que, desde que o locutor se declare como tal e assuma a língua, ele implanta o outro diante de si: “Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula **um alocutário**” (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo nosso). Ao introduzir, em sua reflexão, o alocutário da enunciação falada, o linguista concede lugar ao ouvinte, que

se torna locutor ao realizar uma enunciação de retorno. É o aspecto de inver-sibilidade da enunciação que discuto no quadro da relação entre emissões e escutas, visto que, a partir de Benveniste, torna-se possível conjecturar que, entre uma emissão e outra de locutores que se declaram como tais e implan-tam o *outro* diante de si, há a postulação de um alocutário como um ouvinte. Quando trata da referência como integrante da enunciação, o autor reitera o papel do outro: “A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o **outro**, a possibilidade de correferir, no consenso pragmático que faz de cada locutor um colocutor” (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo nosso).

A partir dessa reflexão de Benveniste sobre a referência na enunciação, Silva e Oliveira (2021) afirmam que o ato enunciativo condensa (inter)subjeti-vidade e (cor)referência, ideia com base na qual refletem sobre questões de es-cuta relacionadas aos movimentos de referir e correferir. Segundo os autores, o locutor refere e, ao referir, concede um lugar de escuta ao alocutário via possi-bilidade de correferir. Tal possibilidade é condição de duas novas enunciações, uma durante e outra a partir da escuta (do outro e de si mesmo), por meio das quais o alocutário se inverte, ele próprio, em locutor. Com isso, os pes-quisadores defendem a escuta como uma “enunciação implícita”, interpretação respaldada na formulação de Benveniste de que “Toda enunciação é, explícita ou **implicitamente**, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p. 84, grifo nosso). Se, do ponto de vista teórico, a “escuta” pode ser con-siderada uma “enunciação implícita”, como conceber, metodológica e analiti-camente, a escuta nos estudos aquisicionais, que lidam com fatos observáveis? Esse questionamento retornará na seção seguinte.

Ao abordar o quadro figurativo da enunciação, Benveniste volta a tratar da “*acentuação da relação discursiva com o parceiro*”, em que duas figuras são alternativamente protagonistas da enunciação na estrutura de diálogo. A própria definição de *enunciação* está ligada, conforme o linguista, a esse qua-dro. A partir de tal alternância de emissões, novamente torna-se possível pen-sar a alternância de escutas na relação discursiva entre parceiros. Isso conduz Benveniste a refletir sobre o “monólogo” como um diálogo interiorizado entre um *eu locutor* e um *eu ouvinte*: “Às vezes, o eu locutor é o único a falar, o eu ouvinte permanece entretanto presente; sua presença é necessária e suficiente para tornar signifi-cante a enunciação do eu locutor” (BENVENISTE, 1989, p. 88).

Ainda que possamos realizar, no entrecruzamento entre Barthes e Benveniste, a transposição da ideia de que “a escuta fala” (BARTHES, 1984

[1976], p. 2) para a ideia de que “a escuta é um ato de enunciação”, não podemos deixar de considerar que, em Benveniste, a enunciação envolve o emprego da língua em seu aspecto de materialidade, fenômeno, inclusive, vinculado aos instrumentos de materialização do sistema linguístico. Nesse caso, como conceber a escuta enquanto ato de enunciação? Não tenho dúvidas de que pensar a enunciação falada em Benveniste é pensar a relação entre parceiros, na qual o ouvinte tem um lugar estruturante. Concebo que o lugar desse ouvinte, no exercício do discurso, encontra-se no intervalo das alternâncias de emissões e pode ser tratado, como instância analítica, a partir dos efeitos de sentido que cada emissão de formas evoca. Nesse caso, a escuta atrela-se a sentidos possíveis de serem depreendidos nas relações entre emissões.

3. A alternância de emissões no ato enunciativo de instauração da língua materna: a escuta no quadro figurativo da enunciação

No campo da aquisição da linguagem, Claudia de Lemos,¹ ao investigar a relação criança-língua-outro, reflete sobre o escutar (no sentido de que esse termo preferencialmente se reveste na Psicanálise lacaniana) como distinto do ouvir, enquanto atividade sensorial de ordem fisiológica. Penso com De Lemos o escutar como distinto do ouvir, e sob efeito de Barthes (1984 [1976]), que tem me instigado a *reler* Benveniste, tenho concebido a escuta como ato de enunciação ligado ao captar sentidos evocados na emissão do outro.

Conforme a reflexão do item anterior, do ponto de vista teórico, a escuta pode ser um *ato de enunciação implícito* (SILVA; OLIVEIRA, 2021), mas, de um ponto de vista metodológico e analítico, esse ato de enunciação implícito contém indícios explícitos aos olhos do observador. Desde esse último ponto de vista, considero que a escuta pode ser estudada nas emissões de retorno de um locutor a partir da emissão anterior de outro locutor. É possível, para o analista, considerar os indícios dos efeitos de sentido das emissões de um locutor nas emissões de retorno do locutor seguinte. Assim, a análise do fenômeno da escuta coloca em foco o modo como “os parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 87) e o modo como “a forma sonora de um locutor suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1989, p. 83-84). Assim, o estudo da escuta na aquisição coloca em relevo a relação entre as emissões da criança e as do outro, com destaque para a inversibilidade enunciativa ou a “estrutura do diálogo” do *quadro figurativo*. A

¹ Para De Lemos (2002), a escuta releva da terceira posição, quando a criança se distancia da fala do outro via efeitos de diferença entre a sua fala e a do outro.

alternância de locutores em suas emissões e de um mesmo locutor, caso da escuta de si próprio, possibilita-me pensar que a evocação de sentidos das formas pode ser considerada na relação entre emissões faladas. Se a escuta é um ato de enunciação implícito, situado no intervalo de emissões, estudá-la envolve lidar com o modo como uma emissão age sobre a outra ou como cada emissão afeta a estrutura do diálogo.

O entrecruzamento da reflexão benvenistiana com o campo da aquisição da linguagem tem me levado a observar os fatos linguísticos de crianças a partir desses pontos de vista teórico, metodológico e analítico sobre a escuta. Os fatos a serem aqui relatados pertencem ao Banco de Dados Na Língua (DEL RÉ; HILÁRIO; RODRIGUES, 2016). Metodologicamente, as análises apresentam o percurso seguinte: 1) relato de dois fatos linguísticos; 2) análise e reflexão sobre os acontecimentos enunciativos do relato, com foco na “escuta” e no modo como os protagonistas da enunciação se alternam em suas emissões fônicas.

Fato linguístico 1 – Relato e análise

G, criança com um mês e dezenove dias, está no carrinho acompanhada por alguém que a filma. De início, não há emissões de interlocutor(es), mas há a presença humana de quem filma a cena. Na sequência, a criança apresenta vocalizações em tom ascendente e a avó comparece na situação enunciativa com as seguintes interrogações: “o que qui tá reclamandu? O que qui tá reclamandu?”. A criança, diante das emissões da avó, manifesta silêncio nessa alternância de protagonistas.

Nesse fato linguístico relatado, destaco, inicialmente, o fato de a criança vocalizar em tom ascendente e olhar para a câmera, parecendo procurar um suposto interlocutor. A criança preenche um lugar enunciativo de emissão e indicia ocupar o lugar enunciativo de busca de escuta no outro. Quem a escuta é a avó, que, possivelmente em razão do tom ascendente, interpreta suas vocalizações como evocando sentidos de “reclamação”. Ao apresentar a função de interrogação duas vezes “o que qui tá reclamandu?”, em resposta às supostas emissões de reclamação da criança, a avó parece tentar suscitar um retorno da criança, que vem a partir de sua segunda enunciação, momento em que G dirige o olhar para ela e encerra, com silêncio, as suas emissões.

O silêncio de G, nessa situação enunciativa, é interessante porque, conforme palavras de Barthes (1984 [1976]), a criança parece estar “cifrando” a realidade em busca de indícios de ruídos do vocal humano. Ao encontrar a voz do outro, G deixa de vocalizar e olha para seu interlocutor. Há uma metamorfose

da criança “em sujeito dual” (BARTHES, 1984 [1976], p. 2). O silêncio de G diante da emissão da avó o situa nesse lugar de perceber ou identificar sons, condição fundamental para se instaurar na língua materna.

Com efeito, a avó, ao enunciar e ao se alternar com G, vale-se da função da interrogação para suscitar uma resposta de G. Nessa situação enunciativa, há um humano que filma, mas que não se constitui como interlocutor da criança (talvez por seu silêncio linguístico). As emissões de G, em tom ascendente, evocam uma espécie de “apelo” na avó, visto esta reiterar o questionamento “o que qui tá reclamando?”. Parece-me, nesse caso, haver um efeito sobre a avó das formas fônicas de G em tom ascendente, como se a criança a convocasse à escuta.

Aqui, ganha relevo a “comunhão fática”, conforme reflexão de Malinowski apresentada por Benveniste (1989) em “O aparelho formal da enunciação”, pois importa o fato de que o discurso, sob a forma de diálogo, estabelece uma relação entre os parceiros. Cada “enunciação”, nesse caso, é um ato que serve para unir um locutor-ouvinte e um locutor-emissor por algum laço. Tem-se, assim, por parte da criança, uma “enunciação” que (aparentemente) se satisfaz em sua realização, sem a necessidade de referência. Trata-se de uma relação constituída entre parceiros (criança e outro), em que o som, ou seja, o fônico da linguagem, é o principal responsável por estabelecer esse laço “psicossocial” por meio do qual a criança dá indícios de buscar seu preenchimento de lugar enunciativo em alternância de emissões e escutas.

Fato linguístico 2 – Relato e análise

G, com sete meses e vinte e nove dias, e o pai estão sobre o tapete com alguns brinquedos. O pai interage com ele por meio da canção infantil “bate palminha, bate” e de sons diversos. Quem está filmando não interage com G nem com o pai, que emite três vezes a canção “bati palminha, bati, palminha de São José, bati palminha, bati, pra quando papai viê”, acompanhado do olhar atento de G e da boca semiaberta, postura que evoca prazer a partir da escuta da canção. Quando o pai muda o seu modo de enunciação, da canção para a forma “itiu”, G enuncia sons que evocam descontentamento.

Nessa situação enunciativa, o interessante é que G dá indícios, em sua escuta atenta, de prazer com o canto do pai. A melodia e o ritmo nas enunciações cantadas do pai implantam G como alocutário, que se instaura como um *eu-ouvinte* ao evocar escolhas de escuta. Isso porque o pai, ao mudar seu modo de enunciação fônica, suscita, como resposta de G, uma enunciação de retorno

com formas fônicas que evocam descontentamento. Tal indício se relaciona à menção de Barthes (1984 [1976], p. 5) de que o sujeito não está obrigado “[...] a tomar o seu prazer lá onde ele não quer ir”. Nesse caso, há indícios, nas emissões de G, quando da mudança no modo de enunciação do pai, de uma operação de seleção do que escutar, o que, obviamente, não supõe uma intencionalidade por parte do bebê, mas sim o mostra sob o efeito da ação da língua e do outro.

Considerando as alternâncias de protagonistas no quadro figurativo da enunciação, vemos G preencher seu lugar enunciativo de escuta e dar indícios de sua posição como *eu-ouvinte*.

4. Pontuações finais

No entrecruzamento entre o quadro da enunciação e o quadro da aquisição, impõe-se ao pesquisador pensar questões de ordem teórica, metodológica e analítica, pois o campo aquisicional está marcado, de um lado, por um compromisso teórico (o ponto de vista do pesquisador) e, de outro lado, por um compromisso com o empírico (fatos linguísticos de criança). Como lidar com o aspecto de materialização da “escuta”? Esse aspecto na aquisição coloca em relevo a relação entre as emissões da criança e as do outro, com destaque para a inversibilidade enunciativa ou a “estrutura do diálogo” do quadro figurativo. A alternância de protagonistas da enunciação e a consideração da relação entre as emissões fônicas possibilitam ao pesquisador observar indícios do modo como uma emissão age sobre outra ou como uma emissão afeta outra.

Por isso, a instauração da criança em sua língua materna envolve os movimentos de emissão e de escuta. Ocupar esse lugar enunciativo requer movimentar-se em relações de intersubjetividade nas emissões e em relações de intersubjetividade nas escutas. Neste texto, aliando a teoria da linguagem de Benveniste à análise de fatos linguísticos de criança, procurei tratar do *papel da escuta na aquisição de língua materna em uma abordagem enunciativa, por meio da exploração de movimentos de escuta-emissão nas interlocuções de uma criança, em seu primeiro ano, com outros de seu convívio*.

Com relação à escuta na aquisição sob uma perspectiva enunciativa, há indícios importantes: (i) a busca da criança pela escuta de sons humanos; (ii) a implantação de um parceiro enunciativo que se inverte de *eu que emite* para *eu que escuta*; (iii) a ocupação de um lugar de escuta via pausas e silêncios e via manifestação de atitude como *eu-ouvinte* (desejo de escuta de sons que evocam poeticidade).

É por estudar a linguagem/língua em funcionamento que tivemos o acesso possível aos mecanismos do funcionamento fônico das manifestações de uma criança na aurora de sua história de enunciações.

Referências

BARTHES, R. A escuta. In: BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 201- 211.

BENVENISTE, É. (1966). *Problemas de linguística geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão de Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

BENVENISTE, É. (1974). *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.*; revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DE LEMOS, C. T. G. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 42, p. 41-69, jan-jun. 2002.

DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; RODRIGUES, R. A. O corpus NA Língua e as tecnologias de apoio: a constituição de um banco de dados de fala de crianças no Brasil. *Artefactum — Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 2, p. 1-16, 2016. Disponível em: <http://artefactum.rafrom.com.br/index.php/artefactum/article/view/1363>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SILVA, C. L. da C. S. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, C. L. da C.; OLIVEIRA, G. F. Nos rumores da língua: a escuta entre as enunciações falada e escrita da criança. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 16, n. 25, p. 165-190, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2594-8962.116837>. Acesso em: 14 nov. 2021.